

AS HISTÓRIAS: NASRUDDIN



Nome próprio: **NASRUDDIN**

Apelido: **NIZAMI**

Idade: **31**

País de origem: **AFEGANISTÃO**

Vive na **Grécia** desde: **2007**

RESUMO

Nasruddin é um profissional em línguas estrangeiras, que trabalha como intérprete no GCR. Os membros de sua família vivem em diferentes países por toda a Europa. Nasruddin deixou o Afeganistão para evitar a perseguição política que sofria. Solicitou o estatuto de refugiado no Reino Unido e na Áustria, tendo os pedidos sido rejeitados em ambos os países. Regressou à Grécia e depois de uma série de aventuras conseguiu integrar-se completamente na sociedade grega.

“DIFICULDADES FAZEM-NOS MAIS FORTE”

A HISTÓRIA DE NASRUDDIN

Deixou o Afeganistão por razões políticas. Foi ameaçado pelo governo afegão e por grupos terroristas porque o seu pai e irmão pertenciam ao partido da oposição. Aos 21 anos, (outubro de 2007), decidiu deixar o Afeganistão ilegalmente, através do Irão e da Turquia. Chegou a Samos (ilha Grega) com a intenção de ir para o Reino Unido, onde residia um primo. Saiu da Grécia

em dezembro de 2007 e chegou ao Reino Unido, onde requereu asilo. As autoridades descobriram que ele tinha vindo da Grécia, e, tendo como base o esquema de recolocação em Dublin, resolveram enviá-lo de volta à Grécia (país da primeira receção). Após 8 meses de permanência em Londres, em agosto de 2008, voltou para a Grécia.

Permaneceu em Atenas por mais 8 meses, e depois partiu em direção à Áustria, em junho de 2009. Solicitou de novo asilo, mas a sua candidatura foi rejeitada novamente, e em dezembro de 2009 regressou a Atenas. Nasruddin vive agora na Grécia já há 7 anos. No início, teve muitos problemas com o idioma, o alojamento (estava com mais 7 pessoas num apartamento) e com o desemprego. Nem o Estado nem as organizações da sociedade civil lhe forneceram qualquer tipo de ajuda. Sem conhecer a língua grega, procurou trabalho com o apoio de um paquistanês que já residia na Grécia há 30 anos e que o ajudou a ler os anúncios de emprego na imprensa grega.

DIFICULDADES NO TRABALHO

Finalmente conseguiu trabalho num hotel em Zakynthos (uma ilha jónica) - em março de 2010 - como assistente do porteiro, para desenvolver algumas competências e o idioma. Trabalhou dois verões nesse hotel, onde aprendeu o grego rapidamente, mas ainda tinha algumas dificuldades com a língua, com as horas de trabalho (trabalhava 14 horas por dia, com um salário muito baixo) e com a mentalidade racista (diziam-lhe que roubava o trabalho aos Gregos). Além disto, trabalhava ilegalmente e sem qualquer seguro ou segurança social. Sempre que as autoridades locais controlavam a situação laboral no hotel, escondiam-no

Fiz muitas tentativas antes de chegar e ficar na Grécia.

AS HISTÓRIAS: NASRUDDIN

num armário na cave do hotel. Na segunda temporada turística (2011), já trabalhou legalmente. Mas, embora o seu contrato fosse a tempo parcial, obrigaram-no a trabalhar mais de 10 horas por dia.

DE VOLTA A ATENAS

Em 2012 regressou a Atenas, desejando mudar as suas condições de vida. Estava fraco, não tinha amigos e sentia-se muito esgotado pelo trabalho excessivo. Como juntou algum dinheiro, decidiu ficar sem trabalho e começou a ter aulas de língua grega no GCR (até então, ele não sabia escrever grego). Porém continuava a enfrentar ataques racistas, porque, como observou, *“todos te julgam pela cor da pele, mas as dificuldades e os obstáculos tornam-te mais forte”*. Graças à comunidade afegã e às muitas línguas que falava (Farsi, Pashto, Dari, Inglês e Grego), encontrou um emprego na OIM como intérprete e depois também como responsável de casos no serviço de reintegração da organização para Paquistaneses, Afegãos e Bengaleses. Trabalhou lá durante 1 ano, até novembro de 2013, porque o seu contrato não foi renovado. Entretanto, o seu pedido de asilo foi rejeitado sem qualquer entrevista e tudo o que ele tinha era o seu cartão provisório (que mostrava apenas que o pedido foi submetido), válido por 3 meses.

INCLUSÃO SOCIAL

Durante a sua estadia em Atenas, trabalhou como voluntário em diferentes comunidades de refugiados e, em dezembro de 2013, candidatou-se a um emprego na GCR, onde ainda trabalha como intérprete. Em 2015, obteve aprovação nos exames para o conhecimento básico da língua grega e recebeu a certificação A2. Finalmente, em março de 2016, obteve o estatuto

de refugiado e, desde 2015, também trabalha voluntariamente na revista multicultural “Solomon”, que é publicada por refugiados e imigrantes de vários países e visa mostrar às sociedades Europeias que refugiados e imigrantes são parte integrante delas. No entanto, Nasruddin observa:

“às vezes a sociedade não aceita “alienígenas” de forma agradável. (...) Combater pelos direitos das minorias é um meio para despertar o mundo e as sociedades europeias. No entanto, os meios de comunicação não mostram os problemas que enfrentamos e apresentam apenas os aspectos e imagens negativas da atual crise de refugiados”.

Os meios de comunicação apenas apresentam os aspectos negativos dos refugiados.